



Darcy Ribeiro e La Bicicleta: intelectualidade, política e diálogo transnacional (1984)

Darcy Ribeiro and La Bicicleta: Intellectuals, Politics, and Transnational Dialogue (1984)

Bárbara Bruma Rocha do Nascimento*

Recebido em: 31/08/2025

Aprovado em: 24/10/2025

Resumo: O artigo analisa a entrevista concedida pelo antropólogo e intelectual brasileiro Darcy Ribeiro à revista cultural chilena *La Bicicleta*, publicada em agosto de 1984, durante o regime militar de Augusto Pinochet. Em um contexto marcado pela repressão política e pela reorganização das lutas democráticas no Chile, *La Bicicleta* consolidou-se como um espaço de circulação de ideias e de articulação de redes intelectuais latino-americanas. A partir da análise da entrevista, recorte de uma pesquisa de doutorado mais ampla, o texto examina como a trajetória de Darcy Ribeiro, especialmente sua experiência de exílio, sua atuação política e sua defesa da educação, é mobilizada em diálogo com o cenário sociopolítico chileno dos anos 1980. Argumenta-se que a presença de Ribeiro nas páginas da revista reforça sua projeção como referência do pensamento latino-americano e evidencia o papel das revistas culturais como mediadoras de debates intelectuais, políticos e culturais no contexto das transições democráticas no Cone Sul.

Palavras-chave: Darcy Ribeiro, Revista La Bicicleta, Brasil-Chile.

Abstract: This article analyzes the interview granted by the Brazilian anthropologist and intellectual Darcy Ribeiro to the Chilean cultural magazine *La Bicicleta*, published in August 1984, during the military regime of Augusto Pinochet. In a context marked by political repression and the reorganization of democratic struggles in Chile, *La Bicicleta* established itself as a space for the circulation of ideas and the articulation of Latin American intellectual networks.

* Doutora em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (PPGHB-UFPI), professora do CEAD-UFPI e da educação básica da rede privada de ensino na cidade de Teresina. Pesquisadora na área de revistas culturais, ditaduras militares e conexões transnacionais entre Brasil e Chile. Email: brumabarbara@gmail.com

Based on an analysis of the interview, which constitutes a segment of a broader doctoral research project, the article examines how Darcy Ribeiro's intellectual trajectory, particularly his experience of exile, his political engagement, and his defense of education, is mobilized in dialogue with the Chilean sociopolitical context of the 1980s. It argues that Ribeiro's presence in the magazine reinforces his projection as a reference within Latin American thought and highlights the role of cultural magazines as mediators of intellectual, political, and cultural debates in the context of democratic transitions in the Southern Cone.

Keywords: Darcy Ribeiro, Revista La Bicicleta, Brazil-Chile

A revista La Bicicleta e o cenário chileno

[...] debemos hacer algo nuestro y no quedarnos como papanatas mirando a Europa como si esta fuera la fuente del sol. La más grande nación latina es aquí, es Latinoamérica. Con una creatividad incomparable con ninguna nación europea. Sólo nos falta un poco de enseñanza primaria...". (RIBEIRO, Darcy *apud* GARCÍA, Rosaura. La Bicicleta, Por un Camino Humano, Santiago, n. 48, p. 10, maio 1984.)

As revistas culturais latino-americanas distinguem-se pela criação de redes intelectuais que se consolidam ao longo de sua atuação no espaço público. O estudo dessas revistas integra o campo da história intelectual, uma vez que elas servem como plataforma para a colaboração e o intercâmbio de ideias entre pensadores. Como destaca o pesquisador Sergio Maiz (2018), essas redes transcendem os limites nacionais de onde as revistas se originam, rompendo fronteiras e promovendo diálogos com intelectuais e produções diversas de diferentes contextos culturais.

Fundada em 1978, La Bicicleta circulou no Chile até 1987, consolidando-se como uma importante revista cultural do período ditatorial naquele país. Inicialmente voltada à divulgação de atividades artísticas, a revista ampliou progressivamente seu escopo temático, incorporando debates políticos, sociais e culturais que dialogavam com a conjuntura nacional e latino-americana. Em um contexto de censura e repressão, La Bicicleta atuou como um meio de comunicação não oficial, estabelecendo pontes com intelectuais, artistas e escritores da região.

Desde suas primeiras edições, empenhou-se em dialogar com intelectuais chilenos no exílio, ao mesmo tempo em que incorporou vozes influentes de toda a América Latina. Nomes como Júlio Cortázar, Gabriel García Márquez, Mario Vargas Llosa, Mario Benedetti, Eduardo Galeano, Ariel Dorfman, Antonio Skármeta e Joaquín Brunner tornaram-se colaboradores frequentes. Até o brasileiro Fernando Gabeira contribuiu com um relato sobre sua experiência em Bombaim.

Este artigo apresenta um recorte do trabalho desenvolvido em tese de doutorado¹, ao analisar uma entrevista com o brasileiro Darcy Ribeiro, publicada na revista em agosto de 1984. Trata-se de uma longa conversa que abordou diversas questões relacionadas à experiência de exílio de Ribeiro, à construção de sua carreira como referência no debate social e político da América Latina, bem como seu retorno ao Brasil e à cena política durante o processo de reabertura democrática no país. Nossa proposta é compreender as intencionalidades de La Bicicleta ao publicar a entrevista, considerando o contexto político e social do Chile naquele período, e reafirmar como Darcy Ribeiro era reconhecido como uma importante referência intelectual e política para a América Latina.

O ano de 1984 foi particularmente significativo para a revista. A intensificação das mobilizações sociais, a crise econômica iniciada no começo da década e as Jornadas de Protesto de 1983 contribuíram para a reorganização do tecido social chileno e para o fortalecimento de discursos opositores. Nesse cenário, La Bicicleta adotou uma postura editorial mais combativa, abordando temas como juventude, educação, feminismo, repressão policial e retorno dos exilados. A publicação da entrevista com Darcy Ribeiro insere-se nesse momento de maior radicalização discursiva e de abertura ao diálogo transnacional.

Naquele ano, La Bicicleta atingiu um recorde ao publicar 18 edições, superando as 12 que haviam sido o máximo até então. A adoção do formato

¹ NASCIMENTO, Bárbara Bruma Rocha do. “*Con ellos anduve*”: conexões transnacionais culturais e resistência política a partir da revista chilena La Bicicleta. Tese(doutorado)-Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-graduação em História do Brasil, Teresina, 2025.

quinzenal naquele ano pode ter contribuído, inclusive, para dificultar o trabalho dos censores, ainda que essa interpretação seja apenas uma hipótese. A análise da revista e de seu processo de produção evidencia a influência direta dos eventos no Chile e em países vizinhos nas escolhas editoriais e nas propostas de intervenção no debate público.

Alguns eventos nos ajudam a compreender esse clima histórico, não em um sentido de linearidade, mas de conexão: o início da década de 1980 será marcado por uma crise econômica no Chile, resultado da política econômica comandada pelos neoliberais gremialistas,² somada a própria crise econômica internacional. O projeto político dos militares será diretamente impactado pelo colapso econômico no país. O empobrecimento da população e a precarização das condições de trabalho serão detonadores de um processo amplo e complexo que contribuiu para fortalecer aquilo que *La Bicicleta* já anunciava em seu primeiro número: uma recomposição do tecido social chileno.

O próprio governo chileno apresentava nos bastidores dissensões em torno das decisões que deveriam ser tomadas tanto no âmbito econômico quanto no social. As Jornadas de Protesto iniciadas em 11 de maio de 1983 impulsionaram

² O neoliberalismo gremialista é um conceito associado ao movimento político chileno nascido no final dos anos 1970, vinculado a um grupo de estudantes e lideranças universitárias que se organizou na Universidade Católica do Chile, liderado por figuras como Jaime Guzmán, fundador da União Democrática Independente (UDI). Esse movimento adaptou ideias neoliberais à realidade chilena e teve grande influência durante a ditadura de Augusto Pinochet. O neoliberalismo gremialista parte de uma visão onde o Estado deve ter um papel mínimo na economia e na organização social, favorecendo o livre mercado, a privatização e a iniciativa privada como motores do desenvolvimento. Porém, o movimento gremialista também destaca a importância de manter uma estrutura social hierárquica e de fortalecer instituições conservadoras, como a família e a Igreja, ao mesmo tempo que valoriza a autoridade e o respeito à ordem. Essa corrente não busca apenas uma transformação econômica, mas uma reforma política e social, propondo um modelo onde as pessoas são organizadas em “corporações” ou “grêmios” (associações baseadas em profissões e setores sociais) que exercem um papel político dentro de um sistema autoritário ou fortemente hierárquico. Dessa forma, o neoliberalismo gremialista defende um sistema no qual há uma mínima interferência do Estado nas relações econômicas, enquanto se promove uma forte moral social, baseando-se em valores conservadores para manter a coesão e estabilidade sociais. Referências: SANTOS, Eric Assis dos. *A transição à democracia no Chile: rupturas e continuidades do projeto ditatorial (1980-1990)*. 2014. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2014; MONCKEBERG, María Olivia. *El saqueo de los grupos económicos al Estado chileno*. Santiago de Chile: Ediciones B, 2001.

“um processo de periferização dos protestos sociais” (FREDRIGO,1997), alcançando grupos sociais distintos, mas especialmente aqueles que viviam as misérias nas *poblaciones*. A troca recorrente de ministros, coordenada por Augusto Pinochet e pela cúpula do seu governo, neoliberal, sanguinário e corrupto, parecia indicar uma possível fragilidade e, talvez, a possibilidade de acelerar a abertura política.

A nomeação de Sérgio Onofre Jarpa como Ministro do Interior em 1983 e seu plano de abertura de diálogo com as organizações políticas que estavam sendo retomadas trouxe o vislumbre de uma abertura, mediada pela prática da repressão, mas que no final de 1983 possibilitou, por exemplo, o retorno de mais de mil exilados políticos, bem como uma suspensão da censura prévia (por período limitado), já que de antemão, informou que os planos de abertura não se concluiriam ali. Tudo isso forneceu à *La Bicicleta* pautas importantes, que estamparam diversas capas da revista naquele ano de 1984: a presença dos jovens nos protestos, educação sexual, sexualidade, feminismo, o retorno dos exilados brasileiros, o retorno dos exilados chilenos, uma entrevista com Isabel Allende, a retomada e a atuação do movimento estudantil, a capa censurada em abril de 1984, *sexo la otra apertura*, a retomada da atuação da *Federación de Estudiantes de Concepción* (FEC), denúncias sobre a repressão policial nas ruas da capital e nas *poblaciones*, especial dedicado à Pablo Neruda, três edições dedicadas à vida, obra e morte de Víctor Jara, textos relacionados aos processos de abertura política dos países vizinhos.

O ano de 1984 para *La Bicicleta* se encerraria com a edição de número 59, a terceira dedicada à Víctor Jara, publicada no dia 6 de novembro daquele ano. O ano de 1984 para o Chile se encerraria com um decreto anunciando Estado de Sítio no país a partir do dia 07 de novembro de 1984 até fevereiro de 1985. Junto a esse decreto, um outro que tratava da suspensão da circulação dos outros meios não oficiais de comunicação: *Cauce*, *Análisis*, *Apsi*, *La Bicicleta*, *Pluma y Pincel* e o diário *Fortín Mapocho*. *La Bicicleta* só retornará às ruas em junho de 1985, com

uma capa provocadora feita em preto e branco com o título *La Bicicleta que no salió*.

79 | Naquele ano, Darcy Ribeiro e Jorge Amado, foram destaque na revista *La Bicicleta*, publicadas em edições diferentes, suas entrevistas evidenciam a relevância de ambos no contexto latino-americano. Com trajetórias marcadas por experiências em diversos países da região e vínculos significativos com o Chile, Darcy Ribeiro, exilado durante o governo de Salvador Allende, e Jorge Amado, com sua ligação aos partidos comunistas e amizade com Pablo Neruda, consolidaram-se como referências intelectuais. Escolhidos pela revista como símbolos da integração do Brasil à América Latina, suas identidades e produções refletem um caráter transnacional que ultrapassa fronteiras nacionais.

Para Adriane Vidal, para se compreender a própria noção de intelectuais é preciso “rastrear as ideias que estes propagam em suas produções, as suas intervenções públicas, os debates que suscitam, as formas pelas quais se organizam, os mecanismos mediante os quais as ideias circulam, os circuitos que se estabelecem”(COSTA, 2018, p. 158) e especialmente, por meio desses circuitos, constroem-se redes intelectuais que vão contribuir para a própria inserção desse intelectual na esfera pública. A América Latina tem, através dos tempos, construído e reconstruído seus conceitos e experiências em torno daqueles que alcançaram esse status.

Nas décadas de 1960 e 1970, embora muitos intelectuais latino-americanos tenham sido forçados a deixar seus países devido às violências impostas pelas ditaduras militares, o exílio também contribuiu para o fortalecimento de redes intelectuais, ampliando a circulação de ideias por meio da projeção pública desses pensadores. Já década de 1980 temos um outro cenário: com o processo de transição democrática vivida pelos países da América Latina, houveram mudanças significativas no campo intelectual e cultural dessas sociedades. Para Claudia Wasserman (2018), aqueles que eram considerados “inimigos internos” retornavam do exílio e reapareciam no cenário social e político e, assim, o medo como espectro político tão presente durante os anos autoritários toma novos

sentidos especialmente por setores conservadores e de direita: “a direita tinha medo de avanços radicais e a esquerda temia um retrocesso ao autoritarismo” (WASSERMAN, 2018, p. 80).

| 80

No caso do Brasil, tivemos uma transição coordenada pelos próprios militares. É importante salientar que isso não desconsidera a mobilização social e política que, durante todo o período ditatorial, lutou pelo retorno da democracia. No entanto, a questão principal diz respeito a como os intelectuais e os artistas brasileiros/latino-americanos precisaram “se adaptar a uma nova cultura política democrática e às transformações no ambiente cultural que se tinham operado” (WASSERMAN, 2018, p. 81), especialmente aqueles que estiveram exilados. No caso do Chile, a década de 1980 ainda abarcará todo o aparato violento do regime coordenado por Pinochet, mas, as mobilizações culturais e sociais, a ocupação das ruas e as ações da Frente Patriótico Manuel Rodríguez³ afetaram as bases da junta militar, que reagiu com toda violência possível. O Chile acompanhou os processos de abertura política dos seus países vizinhos com esperança e também como um possível sinal de que o general iria *caer*.

Nesse contexto, La Bicicleta explorou em suas páginas questões artísticas, culturais e intelectuais, utilizando esse panorama como referencial para esses debates. Darcy Ribeiro recebe destaque na edição de número de 48, do mês de agosto daquele ano. Conhecido por sua trajetória intelectual que transcendeu as fronteiras brasileiras, consolidando-se como figura transnacional e representante do pensamento latino-americano. Ribeiro teve seu percurso intelectual profundamente marcado pela experiência do exílio durante o período ditatorial brasileiro iniciado em 1964.

³ A Frente Patriótica Manuel Rodríguez (FPMR) foi o braço armado criado pelo Partido Comunista do Chile (PCCh) durante a ditadura de Augusto Pinochet, atuando principalmente entre 1983 e 1987. Para o historiador Rolando Álvarez Vallejos, sua gênese e atuação estão profundamente conectadas à transformação política do PCCh, que, após o golpe de Estado de 1973, abandonou sua histórica moderação e adotou uma estratégia que combinava resistência armada e mobilização popular. Ver: VALLEJOS, Rolando Álvarez. *El Frente Patriótico Manuel Rodríguez: génesis y desarrollo de la experiencia de lucha armada del Partido Comunista contra la dictadura de Pinochet (Chile 1973-1990)*. Santiago: Universidade de Santiago de Chile, 2019.

“Darcy Ribeiro: antropólogo y vicegovernador de Río de Janeiro”: a entrevista e a construção do intelectual

| 81

A trajetória de Darcy Ribeiro oferece um exemplo paradigmático do intelectual latino-americano cuja atuação se construiu em trânsito. Destituído de seus direitos políticos após o golpe de 1964 no Brasil, Ribeiro viveu um exílio prolongado que o levou a países como Uruguai, Chile, Peru e Venezuela. Longe de representar um afastamento da vida intelectual, o exílio constituiu-se como um período marcado pela ampliação de suas redes de sociabilidade e pela consolidação de sua projeção continental.

A natureza da entrevista com Darcy Ribeiro publicada em *La Bicicleta* nos ajuda a compreender a noção de redes intelectuais: originalmente, o texto havia sido publicado no semanário uruguaio *Jaque*, em 16 de março de 1984,⁴ em Montevideu. O *Jaque* foi um dos mais combativos impressos uruguaio contra a ditadura militar naquele país. A entrevista foi feita pela colaboradora do semanário, Rosaura Garcia, que permitiu seu compartilhamento na revista chilena. Algumas questões se impõem: quais foram os motivos que levaram os editores a escolher justamente essa entrevista, publicada em uma edição cuja capa trazia a chamada: “*Represión policial callejera: preguntan los jóvenes golpeados*”. No mesmo número, uma série de metáforas de confronto ao regime chileno, um texto de Fernando Gabeira sobre sua experiência em uma casa de ópio em Bombay, enviado por Antonio de La Fuente⁵.

O Uruguai foi o primeiro país a acolher o intelectual durante seu exílio, que nesse período viveu em diferentes países da América Latina, sendo essa uma experiência particularmente significativa, pois permitiu-lhe estabelecer redes

⁴ Para acessar a publicação original da entrevista, o semanário digitalizado está disponível no seguinte sítio: <https://anaforas.fic.edu.uy/jspui/handle/123456789/3083>.

⁵ Editor chefe da Revista *la Bicicleta*, que em 1983 veio passar uma temporada no Brasil onde viveu na cidade de Salvador e do Brasil enviou uma série de textos, colaborações e entrevistas para comporem as edições da revista.

intelectuais, ampliando o alcance de suas ideias e consolidando sua reputação como um dos principais intérpretes das identidades latino-americanas. Segundo Adriane Vidal, é fundamental compreender as conexões que o mesmo estabeleceu nos países onde viveu durante o exílio, destacando seu impacto na construção de um pensamento regional integrado:

[...] no Uruguai estabeleceu um intercâmbio com intelectuais como Ángel Rama que o colocou em contato com universidades, livrarias, revistas culturais e casas editoriais. Na Venezuela, Darcy Ribeiro pôs em circulação suas ideias sobre educação ao participar, como protagonista, do processo de reforma universitária na Universidade Central da Venezuela, convertendo-se no principal teórico do movimento universitário em 1970. No Chile foi assessor especial do governo de Salvador Allende (1970-1971) em um momento crucial para as esquerdas no país. Ali, defendeu o projeto da “via chilena ao socialismo”; conviveu e polemizou com intelectuais latino-americanos, incluindo brasileiros que também viviam a experiência do exílio; dialogou com os projetos educacionais do governo da Unidade Popular e trabalhou no Instituto de *Estudios Superiores Interdisciplinarios de Chile*. No Peru, participou da implementação do Sistema Nacional de Apoyo a la Movilización Social (SINAMOS), conduzida pelo governo do General Velasco Alvarado (1968-1975). (COSTA, 2018, p. 155)

Na edição de *La Bicicleta*, o título escolhido para apresentar o intelectual brasileiro foi “*antropólogo y vicedgobernador de Río de Janeiro*”, ressaltando a sua posição no campo político e seu engajamento no processo de reabertura democrática do Brasil. Diferentemente do título adotado pela revista *Jaque*, onde a ênfase conferida a Ribeiro como vice-governador do Rio de Janeiro, destacada em letras garrafais, sublinha sua relevância simultaneamente nos âmbitos político e acadêmico, sobretudo no contexto das transformações democráticas então em curso no país.

Tal destaque aparece de forma explícita no título “*Darcy Ribeiro, antropólogo y vice gobernador de Río de Janeiro: para florecer como la mejor civilización de la tierra solo nos falta un poco de enseñanza primaria*”, que reforça sua projeção pública como uma voz influente no debate intelectual latino-americano, particularmente nas lutas por justiça social e por reformas estruturais.

A abordagem desenvolvida pela revista reconstrói o percurso intelectual de Darcy Ribeiro desde sua infância em Minas Gerais até suas experiências junto às comunidades indígenas da Amazônia, consideradas fundamentais para a conformação de sua visão social e política. Essas vivências contribuíram decisivamente para sua sensibilização em relação às causas dos povos originários, à defesa dos direitos humanos e à centralidade da educação, entendida por ele como elemento estruturante de uma sociedade mais justa e igualitária:

Darcy Ribeiro es uno de los principales testigos de la historia latinoamericana de los últimos 20 años. Jefe de la Casa civil de Joao Goulart, encargado de promover la reforma agraria e las leyes para el control de las multinacionales, exiliado en Uruguay, asesor de Allende y más tarde de Velasco Alvarado, es actualmente vicegobernador y secretario de Cultura del estado de Río de Janeiro. Conocido además como antropólogo- vivió diez años entre los indios, durante los cuales escribió varios libros-educador- responsable de pensar la antiuniversidad de Brasilia- y novelista a partir de 1977, es también conocido en su pueblo natal como “el que pintó el río de azul”. Como segundo hombre de Leonel Brizola en el estado de Río de Janeiro, está impulsando el proceso de descolonización de la cultura en Brasil. (GARCIA, 1984,p. 06)

O antropólogo teve seus direitos políticos destituídos ainda em 1964, pelo *Ato Institucional nº 1*, perdendo também os seus cargos de professor e etnólogo. Assim, partiu para um exílio de doze anos onde viveu em diversos países da América Latina. Conheceu Salvador Allende em 1964, em ocasião de uma visita feita pelo chileno a João Goulart, então exilado no Uruguai. Ali firmaram uma aproximação que o fez partir para o Chile em 1971, onde permaneceu até o ano seguinte. Nesse período, participou de diversas atividades intelectuais no país, chegando a atuar como assessor do presidente Salvador Allende: “em 1971, juntamente com o jurista espanhol Joan Garcês e o advogado chileno José Antonio Vieira-Gallo, participou das reuniões para a realização do seminário internacional Derecho y Socialismo com o intuito de potencializar as discussões e os debates sobre o ‘programa’ de governo da Unidade Popular”. (COSTA, 2020, p. 410)

A reprodução da entrevista de Darcy Ribeiro em *La Bicicleta*, justamente naquele ano, coloca em pauta especialmente o processo de redemocratização no

Brasil, o retorno dos exilados, a experiência do retorno ao país de origem. No caso de Ribeiro, destaca-se o fato de voltar à cena política brasileira, seguindo com a sua defesa da educação como ferramenta de emancipação não só do Brasil mas de toda a América Latina. Sua perspectiva de educação buscava refletir sobre a diversidade cultural existente, promover o pensamento crítico e desafiar as estruturas de poder vigentes. Essa é uma questão latente para a realidade chilena, que especialmente na década de 1980 viu os resultados do processo de privatização e sucateamento de todo o seu sistema educacional, promovido pela máquina neoliberal pinochetista.

No primeiro momento da entrevista, a interlocutora, ao chamar o entrevistado de “Doctor Darcy”, pergunta se ele poderia responder às perguntas em espanhol, e ele responde que: “no crea que yo hablo español! Cualquiera sabe que es apenas un portuñol más difícil de entender que el portugués”. (R. apud G., 1984, p. 7). Rosaura Garcia brinca dizendo que seu espanhol poderia ser comparado ao de Cervantes. Em seguida, ele pede notícias do Uruguai, cuja ditadura, iniciada no mesmo ano da ditadura chilena, só se encerraria no ano seguinte, 1985: “traté de recordar y contárselo. Pero nada le alcanzaba. Siempre se acordaba de algún o otro intelectual. ‘Aquél que era un grand profesor de historia’; ‘Aquél que escribía novelas y usaba boina’. ‘¿Y... Onneti? Cuéntame de Onneti?’”. (R. apud G., 1984, p. 7.) O entrevistado faz referência ao escritor uruguaio Juan Carlos Onetti, que em 1974 havia sido internado no manicômio judiciário pelos militares uruguaio. Garcia destaca que os primeiros 20 minutos da entrevista são marcados pelas recordações de nomes e figuras que compunham o cenário intelectual uruguaio e que, de alguma forma, foram afetados pela ditadura uruguaia. Em seguida, Doctor Darcy é convidado a traçar sua biografia rapidamente. Ele inicia destacando que o simples fato de ter nascido já foi muito importante, e que sua mãe era uma figura relevante na sua cidade de origem, chegando a dar nome a uma avenida. Ao ser questionado sobre os motivos dessa homenagem, ele responde:

Ella siempre, hasta que fue muy viejita, alfabetizó niños. Tiene una habilidad innata, increíble para esto. Yo digo que es como alguien que nace con un buen oído para la música, ella nació con la capacidad para alfabetizar. Bueno, y así fue que, en lugar de ponerle el nombre de algún gran señor cualquiera, le pusieron el nombre de la maestra más conocida: Josefina Augusta María da Silveira Ribeiro. Pero lo gracioso es que no pusieron todo este nombre, sino “Avenida Maestra Fininha”. (R. apud G., 1984, p. 7)

Logo depois, Ribeiro explica que sua infância na cidade onde nasceu foi tranquila, mas que o local já não se parecia mais com o que era antes. Ele comenta que ali é muito conhecido, porém não da mesma forma que o restante do mundo, mas sim por ter feito uma brincadeira ainda na infância: “Allí yo soy mui conocido, pero no por las cosas que soy conocido en otros lugares, sino porque siendo niños un amigo y yo pintamos el agua del río con azul de metileno. Me conocen, entonces por el que pintó el río de azul”. (R. apud G., 1984, p. 7). O menino que pintou o rio de azul conta sobre a sua infância e adolescência em Monte Claro, marcada pela sensação de que “yo no había pedido para nacer y que debía decidir si quería vivir”. Ele fala também sobre a tentativa de suicídio nesse período e sobre ter sido salvo: “ese fue mi segundo nacimiento”. Para Darcy Ribeiro, esse momento da sua vida foi marcado por uma angústia em torno do que escolheria seguir no âmbito profissional: “creo que lo que me tenía peor era que no sabía bien a qué quería dedicarme: medicina, filosofía. Finalmente me fui a San Pablo y me puse a estudiar ciencias sociales”. (R. apud G., 1984, p. 8)

É a partir desse ponto que surge uma questão interessante: a entrevistadora pergunta se Darcy Ribeiro tem formação em Antropologia, já que ele é conhecido como antropólogo. Assim, o brasileiro faz uma reflexão em torno de si mesmo, sobre sua formação, sobre a impressão que tinha em relação a sua profissão ou ao que lhe associavam profissionalmente no Uruguai. Afirma que a sua experiência e convivência com os povos originários talvez tenha sido a mais importante, pois lhe ajudou a compreender sobre a sua vocação, entender na práxis a realidade das comunidades com as quais conviveu. Para Ribeiro, a antropologia de campo era mais importante do que qualquer outra abordagem que permanecesse apenas na esfera acadêmica e afirma que seu interesse pelos indígenas foi além de suas

características culturais ou diferenças em relação à sociedade ocidental. Ele passou a se interessar pelo *destino* dos povos indígenas, percebendo o “drama” e a “dor” que envolvem sua luta pela sobrevivência, ao mesmo tempo que admirava o “gozo” com que viviam:

- Quiere decir que no fue antropología, concretamente. Es como antropólogo que se le conoce.
- ¿Como novelista no?
- No, ni siquiera em Monte Claro.
- ¿En serio, en Uruguay no me conocen como novelista?
- Yo creo que no.
- Mi vanidad se resiente. Bueno, de allí, de esa facultad, yo salí sociólogo, sicólogo, historiador, cualquier cosa de ésas, pero lo que quería era ser antropólogo. Entonces me fui a vivir en medio de una tribu indígena para hacer estudios de campo. Pero no durante seis meses o un año. Fui allí y me quedé diez años. A medida que el tiempo fue pasando yo empecé a interesarme por el destino de los indígenas y no por lo que tienen de diferente.
- ¿Por qué el destino?
- Por el destino como drama, por el dolor de ser indígena, y también por el goce, ya que ellos conciben la vida como gozosa. Piensan que la divinidad a veces entra en el cuerpo de los individuos para ver el color amarillo, o para sentir el gusto de la sal o para sentir el placer del amor. Porque Dios precisa el cuerpo de un hombre para hacer el amor.
- ¿No tienen el sentimiento del pecado de la carne?
- No, no, ellos tienen una carnalidad en la concepción de la vida que está en total contraste con la concepción judaico-cristiana en que todo es pecado. Bueno... y a mí me encantaba mucho todo eso. Todavía hoy, no sé por qué a mí los indios me encantaron tanto.
- Me parece que no es tan difícil saber por qué le encantaban. Por todo lo que acaba de decir, usted tiene rostro de cualquiera cosa menos de asceta.
- Sí, sí, eso puede ser, pero también me encantaba, y de esto me di cuenta mucho más tarde, la dignidad y la belleza de una sociedad humana que no pasé nunca por la sociedad de clases, una sociedad donde no hay sometedores ni sometidos. Cualquier mujer indígena encontraba que era igual a mí y que podía desposarme y cualquier hombre creía que su cabeza era tan buena como la mía y conversaba conmigo como podría conversar un intelectual. Jamás un campesino haría esto, o a un obrero. Un obrero sabe que no sabe, está resignado a no saber, y también sabe que los doctores saben. El indígena usa su cabeza totalmente, con toda libertad.
- Si ninguna vergüenza.

Si vergüenza y con una enorme curiosidad. Por ejemplo, me preguntaban “¿quién es el dueño de los fósforos?”. Ese es un problema sobre el que quieren conversar y piensan que su cabeza es buena para saber. Yo creo que pasé con ellos los mejores años de mi vida, de los veinte y tantos a los treinta y tanto. Escribí varios libros. (R. apud G., 1984, p. 8)

As primeiras reflexões de Darcy Ribeiro poderiam, sem dificuldade, ter sido alvo da censura chilena, uma vez que, ao destacar a dignidade e a autonomia cultural dos povos indígenas, ele também trazia à tona uma crítica contundente à sociedade de classes, estruturada na lógica da submissão e da dominação. No contexto chileno, tal crítica assumia contornos ainda mais sensíveis, considerando que a ditadura militar não apenas reforçou esse sistema, como também instaurou uma ordem social fortemente hierarquizada e autoritária. A repressão se manifestava por meio da censura e da violência sistemática contra opositores políticos, intelectuais e trabalhadores. A reforma educacional implementada pela ditadura nos anos 1980 exemplifica esse projeto autoritário: ao fragmentar o sistema público e transferir a responsabilidade educacional para os municípios, aprofundou-se a desigualdade no acesso a uma educação de qualidade. O controle sobre os conteúdos e a narrativa histórica refletiam o esforço do regime em silenciar vozes dissidentes e promover o silenciamento, justamente o tipo de postura que Darcy Ribeiro combateu ao defender a descolonização do saber e o reconhecimento da pluralidade cultural latino-americana.

Em suas memórias, Ribeiro relata que, a partir de sua vivência com os povos indígenas, muitos de seus livros começaram a ser escritos. Questionado por Rosaura García sobre sua projeção internacional, ele responde que escreveu bastante ao redor do mundo, mas que foi justamente após essa experiência fundadora que decidiu se dedicar ao estudo da educação:

[...] Tenía un amigo, un gran profesor que me decía “¿Cómo puede ser que un hombre inteligente ocupe su tiempo estudiando a los indios que apenas alcanzan a un cero, cero, cero, uno por ciento de la población de Brasil? Yo no estaba de acuerdo con esto, pero, de

cualquier modo, me entusiasmó la educación y eso me puse a estudiar.

— Usted estuvo en Brasília ejerciendo un alto cargo en educación.

— Sí, fue en la época de Juscelino Kubitschek. Juscelino era un hombre totalmente loco, y por suerte lo era, pues sólo él fue capaz de llamar Niemayer y a Lucio Costa para hacer la arquitectura de Brasília y esto salvó a Brasília. Si a Brasília la hubiera mandado hacer Dutra no quiero saber qué hubieran hecho. Era tan loco Juscelino que cuando se trató de hacer la Universidad de Brasil, me llamó a mí que era un intelectual contestatario. Entonces yo elegí cien personas con las cuales empezamos a pensar la antiuniversidad. (R. apud G., 1984, p. 8)

O brasileiro informa sobre sua experiência com as questões educacionais durante o governo de Juscelino Kubitschek, período em que exerceu diversas funções importantes. Ele liderou a Divisão de Estudos Sociais do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE), contribuiu na formulação de diretrizes educacionais e foi responsável pela criação da Universidade de Brasília (UnB). Também reflete sobre a visão audaciosa do ex-presidente brasileiro, a quem descreve como um “louco”, mas um “louco” capaz de realizar a fundação de Brasília. Nesse contexto, ele se apresenta não apenas como um intelectual, mas como um intelectual contestatário. Um ponto de destaque é sua crítica ao ex-presidente Eurico Gaspar Dutra: Ribeiro argumenta que, caso Dutra tivesse sido o responsável por Brasília, pouco poderia ser esperado, dado o autoritarismo de seu governo e o esvaziamento das políticas culturais e educacionais em sua gestão.

O projeto da criação da UnB é apresentado por Ribeiro como a criação de uma “antiuniversidade”. Nesse sentido, destaca a criação de uma universidade que não fosse simplesmente uma cópia de modelos estrangeiros, mas que fosse concebida como uma ferramenta para promover o desenvolvimento do país. A ideia da “antiuniversidade” reflete sua visão de educação como instrumento de transformação social. A decisão em reunir um grupo diverso e qualificado para pensar a universidade sublinha sua crença no trabalho colaborativo e na pluralidade de ideias. Essa abordagem contrasta com modelos tradicionais, hierárquicos e centralizados.

Ao chamar a universidade de “antiuniversidade”, Darcy Ribeiro reforça sua postura crítica às instituições acadêmicas tradicionais, muitas vezes elitistas e desconectadas das necessidades reais da sociedade brasileira. Esse ponto é fundamental se relacionarmos à realidade das universidades chilenas naquele período, onde grande parte dos intelectuais haviam perdido seus cargos ainda nos primeiros anos da ditadura e os debates retomados em torno da democracia e a heterogeneidade da sociedade chilena dos anos de 1980 estavam ocorrendo para além dos muros das universidades, em *talleres*, ONGs e outros espaços onde poderiam voltar a debater sobre a conquista democrática. Um mundo intelectual produzido para além dos muros da universidade, operando assim aquilo que era valorizado por Darcy Ribeiro, o caráter extensionista

Explica ainda como idealizou a Universidade a qual foi convidado por Kubitschek, ressaltando que sua proposta se estruturava justamente em torno da perspectiva de uma universidade que fugisse dos moldes acadêmicos tradicionais: “yo sabía que no quería hacer una Sorbonne, ni Oxford. Yo quería hacer otra cosa, una Universidad que fuera el resultado del desarrollo del país sino semilla para promover desarrollo...” (R. apud G., 1984, p. 8). A ideia de universidade extensão, capaz de promover o desenvolvimento social por meio da educação, foi uma importante bandeira levantada por Ribeiro, não só dentro do território brasileiro, mas por toda a América do Sul. Destacou ainda que esse foi um outro momento da História do Brasil: no final da década de 1950, foi convidado para fazer parte desse projeto ao lado de outro importante intelectual brasileiro, Anísio Teixeira: “y ésta fue una gran aventura, tal vez una de las más grandes en la historia de la cultura brasileña: pensar esa universidad junto a cien cabezas privilegiadas. Fue como un sueño fantástico, intentar reinventarla desde la raíz” (R. apud G., 1984, p. 8). Darcy Ribeiro afirmou que no Brasil, naquele período, não existia uma “tradição universitária” e que a nova universidade poderia se tornar referência para a construção de outras.

A falta de uma tradição universitária consolidada no Brasil é um ponto relevante de reflexão, tendo em vista que, durante o regime militar brasileiro

iniciado em 1964, o ensino superior viverá um processo de modernização e expansão, que revelou o caráter modernizador-autoritário do Estado, apontado pelo historiador Rodrigo Pato Sá Motta (2014) como uma importante característica do regime brasileiro, permeada por ambiguidades e paradoxos. Para o historiador, a expansão do ensino universitário buscou aliar avanços institucionais a um rigoroso controle político-ideológico. Nesse contexto, foram criados novos cursos e novas instituições, especialmente nas áreas de ciência e tecnologia, estabelecendo parcerias com órgãos internacionais, especialmente estadunidenses. As universidades foram direcionadas a atender às demandas do mercado e a se alinhar ao projeto de desenvolvimento nacional defendido pelo regime. Em contrapartida, o controle autoritário restringiu as liberdades acadêmicas e intelectuais, o que resultou em um grande número de demissões:

Os militares e seus aliados civis implantaram reformas de impacto duradouro no ensino superior que ainda dão forma ao nosso sistema universitário, embora mudanças visando à democratização tenham sido adotadas em anos recentes. Da estrutura departamental ao sistema de pós-graduação, passando pelos exames vestibulares (neste momento em processo de mudança com a adoção do sistema Enem), a base da estrutura universitária em vigor foi construída sob a ditadura; ou melhor, foi imposta à força, embora a essência desse desenho tenha sido elaborada por líderes docentes, e a pressão do movimento estudantil – ou o temor que ela despertava nos militares – tenha servido de contrapeso e evitado a aplicação de certas medidas pretendidas pelo Estado. (MOTTA, 2014, p. 21)

Mas, naquele março de 1984, quando a entrevista foi realizada, Darcy Ribeiro é convocado a pensar o contexto da construção da UnB e rememorar os eventos que antecederam o golpe de 1964. Rosaura García aproveita a explicação sobre a situação do país e o momento do investimento da construção da nova universidade para questionar a respeito de sua participação no governo de João Goulart. Pergunta como, em sua visão, se deu o processo golpista de deposição do presidente e de que forma ele conseguiu asilo político no Uruguai. Essas questões se conectam e são cruciais, pois vinculam a figura de Darcy e do Brasil aos países vizinhos, tanto pela experiência da violência quanto pela trajetória de resistência:

— Usted tuvo también un alto cargo junto a Goulart, durante su presidencia.

— Sí, yo fui luego, con Goulart, durante todo su gobierno, Jefe de la Casa Civil. Este es un cargo parecido al de primer ministro, ya que es quien coordina los ministerios. Es el hombre de total confianza del presidente, el que ejecuta la política del presidente. Yo fui durante este gobierno el que debía poner en marcha una reforma agraria y promover las leyes para el control de la multinacionales.

— Pero Goulart cayó. ¿Cuál es su versión de la caída de Goulart?

— El gobierno fue derrocado en razón de estas dos cosas de que le hablaba. Se dijo que el gobierno de Goulart cayó por sus defectos, entre los cuales estaba yo como segundo hombre de su gobierno. Pero esto no es verdad. El gobierno de Goulart fue derrocado por una conspiración nacida en Washington con sobornos a generales de aquí, con tropas y flotas americanas mandadas aquí. El primer gobierno desestabilizado de América Latina fue el de Goulart, porque era una amenaza para los latifundistas internos y para las multinacionales. Derrocado el gobierno, yo salí para el exilio en Uruguay. (RIBEIRO apud GARCÍA, 1984, p. 8)

Ele explica o peso político que seu cargo representava no governo de João Goulart, ressaltando como sua própria figura foi apontada por muitos como uma das fragilidades e contradições daquela gestão. Na condição de Chefe da Casa Civil, era ele o responsável por impulsionar reformas estruturais, como a reforma agrária, e por propor medidas de regulação sobre as multinacionais, temas muito sensíveis em toda a América Latina. Não por acaso, sua resposta à pergunta sobre os motivos que levaram à queda de Jango é direta e contundente: a intervenção dos Estados Unidos, aliada à corrupção de setores das Forças Armadas brasileiras e à resistência dos latifundiários. Segundo suas próprias palavras, o governo Goulart foi o primeiro a ser desestabilizado na América Latina, sem que fosse necessário acrescentar que, a partir dali, a influência norte-americana se estenderia a diversos outros países do continente, como o Uruguai e o Chile.

“Una etapa muy curiosa”: o exílio e a consolidação do intelectual Latinoamericano

A questão do exílio é apontada por Darcy Ribeiro como “curiosa”, por ter sido vivenciada em diversas etapas: um primeiro momento marcado por uma

imersão na leitura de livros de ficção científica e pela sensação de liberdade que essas leituras eram capazes de lhes proporcionar (um paradoxo). Um segundo momento, pela experiência do emprego num outro país e, depois, a experiência de escrever um livro sobre a causa dos fracassos do Brasil sempre que tentava melhorá-lo:

- Cuéntame un poco de esa etapa, del exilio.
- Fue una etapa muy curiosa. Los primeros seis meses los pasé desesperado; me leí todos los libros de ciencia de ficción que había en Montevideo. Leía uno o dos por día. Leía día y noche. La ciencia ficción es la cosa más loca, más abierta que uno puede leer, es imposible descubrir el final a la mitad de la novela, como pasa en la policiales.
- Porque no tienen una lógica estricta, son la libertad total.
- Sí, eso es. Bueno, no era sólo leer. También necesitaba ganarme la vida y eso no es nada fácil para un exiliado. Tal vez los que no lo pasan, no lo imaginan. Es algo verdaderamente difícil. Pero yo tuve una gran suerte. Hacía una semana que estaba y vino el rector a verme, el doctor Cassinoni. ‘Pero cómo no me busca- me dijo- tengo yo que venir a verlo. Está contratado’. Y así fue que empecé a trabajar en la universidad. Empecé a dar cursos de antropología en la Facultad de Humanidades. Yo estaba maravillado con el silencio con que me escuchaban aquellos estudiantes. Hasta que un día un estudiante me dijo que si perdían una palabra no entendían nada. Yo reí mucho.(RIBEIRO *apud* GARCÍA, 1984, p. 8)

O Uruguai foi, num primeiro momento após golpe de 1964, um dos países da América Latina que mais recebeu exilados brasileiros, Darcy Ribeiro faz parte da primeira geração de exilados. Montevideu tornou-se a capital do exílio, especialmente por ter acolhido e fortalecido uma importante rede de solidariedade aos asilados políticos. Denise Rollemberg destaca que, desde a década de 1950, o Uruguai abrigava cidadãos paraguaios, exilados da ditadura de Alfredo Stroessner, e depois argentinos que fugiram após a queda de Perón em 1955. Mesmo sem dados precisos, estima-se que o Uruguai tenha recebido aproximadamente 1.000 brasileiros neste período. O governo uruguaio, inclusive, foi pressionado pelo governo militar brasileiro para controlar as atividades dos brasileiros asilados. (ROLLEMBERG, 1992.)

Logo após a promulgação do *Ato Institucional nº 1*, reuniram-se na capital do Uruguai nomes como João Goulart, Leonel Brizola, o almirante Cândido Aragão e diversos artistas e poetas. Os exilados chegaram a criar uma Associação de Exilados Brasileiros no Uruguai (AEBU).⁶ Brizola, Goulart e Ribeiro eram figurinhas recorrentes nos informes e relatórios do CIEEX,⁷ apontados como “marginados, subversivos e comunistas”. Além de representarem figuras públicas e políticas de destaque, atuavam em diversas frentes durante o exílio, construindo uma rede de contatos e colaboração, inclusive oferecendo ajuda para aqueles que chegavam ao país sem ter como se manter ou se abrigar, num processo parecido com o que houve no Chile. Sobre a atuação política durante os dias de exílio este foi o caminho adotado por Ribeiro: “pertencer a um partido ou organização, ou ter uma militância mais definida, ou redirecioná-la a um projeto profissional, em geral, dava um sentido à vida no exílio”(R. apud G., 1984, p. 8). Lecionar na Universidade do Uruguai fez com que ele construísse e fortalecesse contatos com diversos intelectuais não só do Uruguai, como de diversos outros países da América Latina.

Para Haydée Coelho, Darcy Ribeiro “transformou sua situação de banimento em produtividade, trabalho, ajudando a escrever de forma crítica e atuante, parte da História Cultural e política da América Latina”(COELHO, 2002, p.212). O próprio Darcy Ribeiro destaca na entrevista que esses foram anos de dedicação à escrita. Para a pesquisadora, é nesse período que o brasileiro vai gestar sua grande parte da sua obra antropológica: “Seu exílio cria outras teias cujos elos vão ocorrer em outras plagas, depois que a ditadura se instala também no Uruguai

⁶ Associação criada para ajudar e acolher exilados brasileiros que não tinha condições de se manter no Uruguai e também ser uma forma de apoio e solidariedade, dirigida pelo ex-deputado federal, Djalma Maranhão, mantida com a ajuda dos exilados que tinham melhores condições financeiras, a exemplo do ex-presidente João Goulart. Para mais: (LEITE, 2015)

⁷ Os relatórios do CIEEX (Centro de Informações do Exterior), entre os anos de 1967 e 1969 trazem uma série de informes sobre a rotina e a vida de Darcy Ribeiro e dos seus companheiros de exílio. Passaram a identificá-lo como pertencente ao “Grupo Brizola”, e foi acusado de praticar atividades subversivas (reuniões com amigos e exilados, publicações em revistas e jornais de esquerda, ajudar nas atividades da AEBU).

em 1973”(COELHO, 2002, p. 212). Ao ser perguntado como conseguiu chegar no Uruguai e como foi sua recepção no país, Darcy explica:

| 94

— ¿Por dónde entró a Uruguay?

— Por el norte, por la frontera de tierra. Llegamos a un lugar de aguas termales llamado Arapuni... o algo parecido.

— Arapey.

Sí. Entonces, apenas bajamos del auto llegó un sargento un poco violento. Creía que éramos contrabandistas. Yo le expliqué que no, que yo era un hombre del gobierno brasileño y que estaba pidiendo asilo, protección. El sargento entonces fue hasta su casa, vistió su uniforme, se colocó la espada y nos dijo que de inmediato comunicaría al gobierno que llegaba gente de Brasil pidiendo amparo a la patria uruguaya. Yo quería transmitirle con el orgullo que hizo todo esto. “Uruguay es refugio para todos los perseguidos políticos de América”, nos dijo. Yo nunca había visto un sargento con espada, pero él se la puso porque era el momento de mostrar toda la dignidad del cargo. Era aquél un momento tan lindo de Uruguay, Suiza de América, tierra donde los salvajes brasileños y argentinos caían ahí perseguidos.

— Yo recuerdo que estudiantes brasileños refugiados en el Uruguay recibían una pequeña beca que les permitía vivir modestamente y estudiar.

— Tiempo después, me encargaron que formara un seminario para estudiar una reforma a fondo de la universidad. De ahí surgió el proyecto Maggiolo de restructuración de la universidad. Durante un largo tiempo, años, cien intelectuales uruguayos y yo estudiamos el problema. El proyecto que salió, yo creo que fue de verdad muy bueno.

— ¿Mientras tanto, qué había pasado con su pasión por la ciencia ficción?

— Después de aquella loca lectura del comienzo, yo empecé a reorganizarme. El trabajo hace que uno se organice. Empecé a pensar que debía usar el tiempo que me quedaba para realizar una tarea que era muy necesaria: yo tenía que buscar explicarme nuestro fracaso. Empecé a escribir entonces un libro sobre Brasil a partir de una interrogante: ¿por qué todos nuestros intentos por mejorar Brasil en los planos económico, político y etcétera fracasaban? En este intento fui bastante a fondo en el problema. El resultado fue que escribí un libro de 400 páginas.

— ¿Cuál era la causa de los fracasos?

— Usted no va a pensar que le voy a resumir 400 páginas. Lo que sé es que luego ese libro me pareció inútil como muchos otros, pues lo que había que hacer era elaborar una teoría. Empecé entonces a escribir esta teoría, cosa que pude hacer gracias a que tenía la Biblioteca Pública de Uruguay. La Biblioteca Municipal, por ejemplo, es fantástica. Encontré cosas... estudié años allí. Escribí varios libros. El primero fue El proceso civilizatorio, un

libro bastante ambicioso cuya primera edición publiqué en Norteamérica. Escribí también un libro sobre la historia europea, pero vista desde un punto de vista latinoamericano.

— Este libro tuvo un gran éxito de público. Ha sido editado muchísimas veces.

Sí, hoy tiene 20 ediciones. La segunda edición fue hecha en Buenos Aires. Luego escribí otro en que trato de explicar por qué se diferenciaron entre sí los pueblos latinoamericanos. Luego que lo dije, mi teoría pareció obvia. Por eso yo llamo a este libro “el huevo de Colón”.

— Es una teoría de la historia de las Américas

— Eso es. Allí se analizan las causas del desarrollo desigual de los pueblos americanos. Todo eso escribí allá, durante el exilio

— ¿No es suyo también un libro sobre las estructuras de poder en América Latina?

— Sí, también. Pero en este momento estoy con ganas de reescribirlo y decir lo contrario. (RIBEIRO *apud* GARCÍA, 1984, p. 8-9)

A experiência de Darcy Ribeiro ao chegar ao Uruguai, bem como a simbologia atribuída ao país naquele período: “um refúgio para todos os perseguidos políticos da América” , é uma imagem que o autor reafirma em diversos momentos de sua obra. Além disso, outro ponto relevante foi a necessidade que o brasileiro sentiu de compreender o fracasso das tentativas de tornar o Brasil um país menos desigual, buscando identificar as raízes desse fracasso. Essas reflexões resultaram na publicação de *O processo civilizatório: etapas da evolução sociocultural*, que o próprio autor descreve como um projeto ambicioso, com sua primeira edição publicada nos Estados Unidos. Outro livro destacado na entrevista, e que Darcy apelidou de “o ovo de Colombo”, é *As Américas e a Civilização*, uma obra que ele considera um “filho do exílio” e que se tornou amplamente conhecida, principalmente na década de 1980, quando já contava com mais de vinte edições. Sua participação ativa no processo de reforma universitária no Uruguai também contribuiu para consolidar sua imagem como um intelectual respeitado e experiente.

A reflexão de Darcy Ribeiro também nos aponta questões relevantes ao contexto histórico e intelectual dos anos 1980. Nesse período, o brasileiro, ao revisitar sua produção acadêmica, integra essa análise às suas vivências pessoais,

refletindo um momento de intenso diálogo entre a esfera individual e coletiva. Inserida no processo de redemocratização, essa produção intelectual buscava estabelecer novos parâmetros de atuação, “valorizando a democracia, a individualidade, as liberdades civis, os movimentos populares espontâneos, a cidadania, a resistência cotidiana à opressão e as lutas das minorias” (RIDENTI, 2003, p. 204). A reconstrução retrospectiva da experiência do exílio, somada à produção intelectual daquele período, revela um esforço em compreender e reinterpretar os desafios e as possibilidades de transformação social, articulando memórias individuais e coletivas em prol de uma nova identidade democrática e cultural para o Brasil.

Darcy Ribeiro, ao ser questionado sobre a sua vasta produção no exílio, responde que foi nesse período que produziu seus textos mais copiosos. Para ele, os anos vividos no Uruguai foram muito importantes para o fortalecimento do seu esforço intelectual, na sua própria construção enquanto um pesquisador latino-americano. Para Adriane Vidal, “a produção intelectual no exílio foi crucial para a circulação de ideias e de defesa dos direitos humanos”(COSTA, 2024). Mas, a situação muda, quando o Uruguai “empezó a cambiar. Se empezó a decir y a discutir que el Uruguay era un país inviable. En esos años empezó la crisis que conocemos hoy” (RIBEIRO *apud* GARCÍA, 1984, p. 9). O Uruguai no final dos anos de 1960 enfrentou uma profunda crise econômica, marcada pela inflação alta e desigualdade social, gerando um contexto de instabilidade política e social. Nesse contexto, a atuação do Movimento de Libertação Nacional - Tupamaros (MLN-T),⁸

⁸ Fundado em 1963 sob a liderança de Raúl Sendic, advogado e ativista, junto a outros importantes nomes dos movimentos sociais uruguaios, os Tupamaros surgiram com o propósito de combater o sistema político tradicional do Uruguai. Esse sistema, dominado pela alternância de poder entre os partidos Colorado e Blanco, perpetuava problemas estruturais como a pobreza, a concentração de terras e a violência institucional. Com o agravamento da crise econômica e do aumento da desigualdade social, o movimento adotou ações de guerrilha urbana para enfrentar essas questões. Entre suas principais estratégias estavam assaltos a bancos e caminhões de alimentos para redistribuição em comunidades periféricas, publicação de documentos que denunciavam a corrupção governamental, além de ataques a instalações policiais e governamentais. Essas ações levaram o governo a intensificar a repressão, especialmente no início da década de 1970. Nesse contexto, muitos líderes do movimento foram capturados, presos e torturados entre 1972 e 1973. Com o advento da ditadura militar, a organização sofreu um processo significativo de enfraquecimento, que limitou sua atuação e impacto político.

importante grupo de guerrilha urbana uruguaio, ganha destaque por denunciar o caráter corrupto do governo e as desigualdades sociais do país. O Estado uruguaio vai reagir com ações de repressão e violência, desaguando no golpe militar encabeçado pelo então presidente Juan María Bordaberry com apoio das Forças Armadas em junho de 1973, alguns meses antes do golpe no Chile.

Darcy Ribeiro informa que os partidários de esquerda, bem como os exilados que se encontravam no Uruguai naquele período, começaram a perceber que aquele país já não poderia mais mantê-los seguros e que as ações de guerrilha dos Tupamaros não alcançariam a Revolução: “Nosotros percibimos que las hazañas de los Tupamaros no daban en revolución sino sólo eso: hazañas” (R. *apud* G., 1984, p. 9). Muitos exilados brasileiros buscaram outros destinos, como Austrália ou Canadá. Para o antropólogo, a sensação de estar no Uruguai naquele período era de confinamento, e já havia sido proibido de ir a Buenos Aires: “todo esto empezó a angustiarme mucho” (R. *apud* G., 1984, p. 9).

Em 1968, Darcy Ribeiro decide retornar ao Brasil. Ao chegar, será detido sob a acusação de ter infringido a Lei de Segurança Nacional, após a publicação do AI-5, passando nove meses preso. Quando foi liberado, seguiu para um segundo exílio na Venezuela, passando a compor o corpo docente da Universidad Central de Venezuela. Ribeiro ainda contribuiu para a elaboração do *Plan Director de la Renovación Estructural de la Universidad Central de Venezuela*, bem como conseguiu dialogar com figuras do cenário intelectual venezuelano. Dois de seus livros “impactaram a sociedade venezuelana no período” (COSTA, 2024, p. 95): *O processo civilizatório* (1968) e *A Universidade necessária* (1969). Permaneceu naquele país até 1971, quando seu contrato com a universidade foi concluído, seguindo para o exílio no Chile.

Segundo Adriane Vidal, nesse contexto, a atuação de Darcy Ribeiro como intelectual e político transformou-se em um “grande debate público na imprensa”, envolvendo jornais de grande circulação, como *El Universal*, *Últimas Noticias* e *La Verdad*: “Esse debate abordou questões relacionadas às suas atividades profissionais, à sua atuação política no Brasil antes do exílio, à prisão em 1968 e ao

seu envolvimento com movimentos de esquerda” (COSTA, 2024, p. 95). Pode-se inferir que esse período foi determinante para a consolidação de Darcy Ribeiro como um intelectual de alcance latino-americano e transnacional. Sua trajetória contribuiu de forma significativa para integrar o Brasil ao cenário político e cultural da América Latina.

A entrevista segue justamente para o contexto onde Ribeiro viveu parte do seu exílio no Chile, durante o governo de Allende, especialmente para entender um pouco mais sobre aquele feito chileno e sua mudança logo em seguida para o Peru, pois ele tentava conhecer também o governo militar de Juan Velasco Alvarado:⁹ “En Chile estuvo un tiempo, hasta que me llamó Velasco Alvarado, poco antes de la caída de Allende. A mí me interesaba mucho el proceso peruano y me tentava la invitación”(R. apud G., 1984, p. 9). Naquele país, o brasileiro contribuiu com pesquisas para ajudar na reestruturação da Universidad de Chile (COSTA, 2020, p. 410), esteve próximo de Salvador Allende e atuou como pesquisador no Instituto de Estudios Interdisciplinarios (IEI).

Nesse período, publica o livro *O dilema da América Latina: estruturas de poder e forças insurgentes* (1971), que contribuiu para um debate importante sobre a atuação das esquerdas na América Latina, reflexionando sobre a experiência chilena e os seus significados: “a vitória da UP significava para os comunistas colocar em prática mudanças profundas no país pela via institucional”(COSTA, 2020, p. 410). Com a derrubada de Salvador Allende e golpe militar no Chile, Darcy Ribeiro escreveu em Lima, em setembro de 1973, o texto *Salvador Allende e a esquerda desvairada* (RIBEIRO, 1997), no qual buscou analisar os próprios erros da esquerda em torno da experiência chilena: “incapazes de compreender a experiência chilena como revolucionária, consideraram-na meramente uma experiência reformista” (COSTA, 2020, p. 431). A introdução

⁹ Militar com patente de general do exército do Peru, assume a presidência do país após o golpe militar em 1968, mas ao contrário dos governos militares instaurados na América Latina, o governo de Alvarado seguiu um padrão nacionalista-progressista, realizando uma série de reformas: reforma agrária, reforma educacional, reforma industrial. Alvarado permaneceu no poder até 1975. (VASCONCELOS, 2015).

desse texto traz uma série de elogios à figura de Allende: “um estadista, o mais lúcido com quem convivi e o mais combativo” (RIBEIRO, 1997). Darcy Ribeiro soube do golpe no Chile enquanto vivia a experiência de um governo militar no Peru.

A estadia no Peru foi significativa para Darcy Ribeiro, que buscava compreender a atuação do governo militar peruano para fazer um contraponto em relação ao Brasil. As reformas empreendidas por Juan Velasco Alvarado, sob a alcunha de “Primeiro Governo Revolucionário das Forças Armadas Peruanas”, incluíram a implementação da Reforma Agrária, a nacionalização das empresas estrangeiras, o investimento em educação, a modernização das forças armadas, uma experiência completamente diferente da brasileira. Foi convidado diretamente pelo presidente militar do Peru para compor um grupo de assessoria cuja “finalidad era pensar la revolución”. (R. *apud* G, 1984, p. 9).

O brasileiro permanece ali até 1974, quando, durante férias a Europa, descobre um câncer no pulmão e pede autorização para retornar ao Brasil: “empiezo entonces a hacer ciertos trámites para que me dejen entrar a Brasil a operar-me y, tal vez, a morir. Pero yo no quería morir, quería sobre todo ver a mi madre, ver el país” (R. *apud* G., 1984, p. 9). O retorno ao Brasil foi marcado pela autorização para tratamento contra o câncer. Após reestabeler sua saúde, retorna ao Peru em 1975 para estudar a possibilidade de novas universidades no país. Ainda nesse ano, visita o México e a Costa Rica, elaborando pesquisas e estudos para as universidades desses países: “por un año volví a deambular por América, hasta que en 77 vino la apertura y yo volví a entrar” (R. *apud* G., 1984, p. 10).

Darcy Ribeiro apresenta o retorno ao seu país como uma nova etapa da sua vida acadêmica, pois é nesse período em que o brasileiro se aventura na seara da produção de romances. De acordo com ele, é só a partir daí que as pessoas passam a considerá-lo um intelectual de fato. Ao ser questionado por Rosaura García sobre os motivos dessa afirmação, ele responde: “por que es así, los únicos intelectuales considerados serios son los novelistas” (R. *apud* G., 1984, p. 10). A ficção à qual Darcy Ribeiro faz referência é o livro *Maíra*, publicado em 1976, que

retoma a experiência em torno dos povos originários brasileiros e os impactos da colonização em suas culturas. Ribeiro reitera que o romancista é um intelectual de verdade e brinca, afirmando que ele próprio é um desses, sugerindo à entrevistadora que “exagere su respeto” por sua pessoa.

“Las polillas”: conclusão

Na seção final da entrevista, a Rosaura Garcia sugere a Darcy Ribeiro que, afinal, teve um desfecho feliz: retornou ao Brasil e passou a ocupar, ao lado de seu amigo Leonel Brizola, então governador do Rio de Janeiro, o cargo de Secretário de Cultura. Ele reage com humor, dizendo que a entrevista poderia encerrar-se ali, mas logo é informado de que, na verdade, ela estava apenas começando. É então que recebe uma pergunta crucial: o que pretende fazer nesse novo cargo e o que acredita ser, de fato, possível realizar? Sua resposta é reveladora: “El sentimiento que tengo y que tiene Brizola es que en estos 13 años de exilio nos han comido... ¿Cómo se llama el bicho que come madera?” (R. *apud* G., 1984, p. 10) pergunta ele, sendo auxiliado pela entrevistadora: “Polilla” (os cupins).

A metáfora escolhida revela a percepção de que os anos de exílio corroeram, silenciosamente, tanto ele quanto Brizola, como cupins que fragilizam por dentro. Ainda assim, ele reafirma com firmeza o compromisso que carrega desde décadas anteriores: defender a democracia, promover justiça social para os trabalhadores, implementar a reforma agrária e combater o domínio das multinacionais. Tarefa difícil, considerando o contexto no qual o Brasil se encontrava, que apesar do processo de redemocratização, o autoritarismo e a desigualdade social permaneciam latentes. Ao ser questionado novamente sobre o que faria durante o período de atuação como secretário de Cultura, Darcy Ribeiro retruca dizendo que vai fazer e vai ser o que é: “yo soy el que no se quedó boquiabierto en Europa, no soy colonizado, pero debo como secretario de cultura permitir que las manifestaciones culturales de procedencia europea se realice”.

(R. *apud* G., 1984, p. 10). Informa que, para ele, a verdadeira cultura brasileira tem raízes populares e é capaz de criar novos gêneros. Mesmo diante da reprovação de alguns ao seu conceito de cultura, ele decidiu levar ao Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em 1983, uma cantora negra e popular chamada Clementina.

O então secretário de cultura do Rio de Janeiro, em agosto de 1983, organizou uma homenagem à artista Clementina de Jesus, reunindo diversos artistas e personalidades do samba. Esse evento é considerado um marco na história cultural do Rio de Janeiro, pois foi a primeira vez que o Teatro Municipal promoveu uma apresentação de samba. Sobre essa iniciativa, ele complementa afirmando que “es necesario educar también a los colonizados”. (RIBEIRO *apud* GARCÍA, 1984, p. 10). Diferentemente do semanário *Jaque, La Bicicleta* inclui na entrevista uma imagem de Clementina de Jesus, enviada por Antonio de La Fuente.

Darcy Ribeiro retoma que, entre seus principais projetos, criou o *Brasilianas Musicais*, que promovia concertos de música clássica brasileira a céu aberto todos os sábados, espalhados pela cidade. A iniciativa buscava alcançar um público maior e também atuava como uma forma de preservação patrimonial, visando proteger o patrimônio arquitetônico do Rio de Janeiro. Destaca a importância da cultura de matriz africana na sociedade brasileira e explica para sua interlocutora a importância de Yemanjá, apresentada por ele como uma divindade que somente os negros brasileiros seriam capazes de criar, simbolizando uma grande representação da força negra na sociedade brasileira. Para Ribeiro, era preciso fortalecer junto aos cidadãos do Rio de Janeiro e do Brasil, no geral, a consciência de que o país é um país negro e que faz parte da Latinoamérica, “con una creatividad incomparable con ninguna nación europea. Sólo nos falta un poco de enseñanza primaria” (R. *apud* G., 1984, p. 10).

Por fim, duas questões cruciais são retomadas por Ribeiro: a educação e a sua análise sobre Leonel Brizola enquanto governador. A primeira é respondida com a criação do projeto que ganhou grande repercussão na esfera educacional

brasileira: a reestruturação do sistema educacional fluminense com o Programa Especial de Educação (PEE), tendo como principal estratégia a criação dos Centros Integrados de Educação Pública (CIEP).¹⁰ A política educacional encabeçada por Ribeiro e apoiada por Leonel Brizola para o Rio de Janeiro tinha como referência a democratização da educação e a transformação da escola num espaço de aprendizagem integral, projeto que fugia dos ideais tecnocratas da ditadura militar brasileira. Darcy Ribeiro aponta para o exemplo do Uruguai no quesito educação, afirmando que seguir a vertente cívica da educação, no sentido de formar cidadãos críticos, foi muito importante para o país: “la mejor casa de cada ciudad, la más bella, era para la escuela”(R. *apud* G., 1984, p. 10). Explica que no passado, o Brasil Império havia sido marcado pela violência da escravidão, fazendo, assim, com que a maioria da população do país fosse vista sem nenhum valor e por isso sem acesso a educação formal: “el atraso de nuestras escuelas era tan grande que su rendimiento era peor que el Paraguay, donde el pueblo habla guaraní y es alfabetizado en español”. (RIBEIRO *apud* GARCÍA, 1984, p. 10).

Sobre as expectativas para o governo de Leonel Brizola, Darcy Ribeiro afirma que a educação é a prioridade da administração. Sobre o governador e seu retorno à cena política brasileira, destaca sua capacidade de indignação e o desejo

¹⁰ Os Centros Integrados de Educação Pública (CIEP) foram uma iniciativa educacional implementada no estado do Rio de Janeiro entre 1983 e 1987, durante o primeiro governo de Leonel Brizola, sob a liderança do educador Darcy Ribeiro e com projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer. A proposta era criar escolas de tempo integral que oferecessem não apenas ensino formal, mas também alimentação, assistência médica e atividades recreativas para crianças, especialmente das classes populares. O modelo dos CIEP representava uma ruptura com o sistema tradicional de ensino público, caracterizado por escolas superlotadas e infraestrutura precária. Essas novas escolas, apelidadas de “brizolões”, tinham uma arquitetura inovadora e eram vistas como um símbolo de compromisso com a educação e o bem-estar infantil. A implementação dos CIEP gerou intensos debates. Defensores do projeto viam nele um avanço na democratização da educação, enquanto críticos apontavam custos elevados, uso político e a falta de investimentos na rede pública já existente. Além disso, a escolha de suas localizações e a priorização de novas construções em detrimento da melhoria das escolas antigas também foram alvos de contestação. Com a derrota de Darcy Ribeiro na eleição estadual de 1986, o projeto foi interrompido, e muitas construções foram abandonadas. Apesar disso, o modelo dos CIEP influenciou políticas educacionais futuras, inspirando programas como os CAIC (Centros de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente) durante o governo federal nos anos 1990. Para mais: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Escolas na vitrine: Centros Integrados de Educação Pública (1983-1987). *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 15, n. 42, p. 153-168, 2001.

de transformar a realidade do Rio de Janeiro, que, assim como o restante do Brasil, enfrenta o grave problema de crianças com fome e sem acesso à escola: “la gente siente que hay un gobierno y que ese gobierno es para ellos”. (R. *apud* G., 1984, p. 10). O primeiro governo de Leonel Brizola no Rio de Janeiro (1983-1987) se caracteriza pela tentativa de colocar em prática a nova legislação eleitoral brasileira, adotada em novembro de 1979, que substitui o bipartidarismo pelo pluripartidarismo, e também pela disputa pela sigla do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), que culmina na criação de um novo partido, o Partido Democrático Trabalhista (PDT). Vânia Bambirra¹¹ o define como “produto de toda uma reflexão crítica de um passado histórico e o resultado de uma elaboração democrática”. A última frase da entrevista é um pedido de Darcy Ribeiro a Rosaura García para que ela não esqueça de informar na publicação que o seu espanhol é muito bom.

Para o historiador Marcelo Ridenti, o processo de redemocratização brasileiro foi questão nevrálgica para os intelectuais do país que em grande parte haviam experienciado a fragmentação ocasionada pelo exílio, como bem explicou Ribeiro, a sensação de terem sido “devorados por cupins”. Para Ridenti, “a vivência das contradições da modernidade pode levar intelectual ao engajamento na mudança, ou a preferir adaptar-se à ordem em transformação constante, aceitando ‘o destino’, livre do dilaceramento existencial”(RIDENTI, 2003, p. 208).

Naquela entrevista, Darcy Ribeiro parecia ter escolhido manter, apesar de tudo, suas aspirações e confiança naquele Brasil em pleno processo de redemocratização tutelada pelos militares, mas defendida por intelectuais como ele, que construiu grande parte do seu entendimento sobre a Pátria Grande,

¹¹ Intelectual e militante que nasceu em Belo Horizonte no ano de 1940. Vânia foi militante revolucionária e teórica fundadora da Teoria Marxista da Dependência junto a Ruy Mauro Marini e Theotonio dos Santos, tornando-se uma das mais brilhantes intelectuais brasileiras e latino-americanas do século XX e início do XXI. Perseguida pela ditadura militar, viveu dois exílios: no Chile entre 1966 e 1973, e no México entre 1974 e 1979. Foi professora e pesquisadora da Universidade de Brasília (UnB), da Universidad de Chile/Centro de Estudios Socioeconómicos (Ceso) e da Universidad Nacional Autónoma de México (Unam). In: <https://www.brasildefato.com.br/2023/10/13/vania-bambirra-fundadora-da-teoria-marxista-da-dependencia-e-tema-de-serie-documental-disponivel-no-youtube>

estando em trânsito no seu território. A análise da entrevista concedida por Darcy Ribeiro à revista *La Bicicleta* permite compreender como a circulação de intelectuais latino-americanos, marcada pela experiência do exílio e pelas transições democráticas, contribuiu para a construção de redes intelectuais transnacionais no Cone Sul. Ao publicar a entrevista em 1984, a revista chilena insere Darcy Ribeiro em um espaço de debate que articula cultura, política e crítica social em um contexto ainda atravessado pela repressão ditatorial. A trajetória de Darcy Ribeiro, mobilizada ao longo da entrevista, reafirma sua condição de intelectual latino-americano cuja atuação ultrapassa as fronteiras nacionais, conectando experiências vividas no Brasil, no Uruguai, no Chile e no Peru.

Seus posicionamentos sobre educação, cultura e democracia dialogam diretamente com os dilemas enfrentados pela sociedade chilena naquele período, evidenciando como a entrevista funcionou como um instrumento de reflexão compartilhada entre diferentes realidades nacionais. Desse modo, o artigo buscou demonstrar que a presença de Darcy Ribeiro em *La Bicicleta* não se limita à divulgação de uma trajetória individual, mas se insere em um processo mais amplo de circulação de ideias e de fortalecimento de redes intelectuais latino-americanas. As revistas culturais, nesse sentido, desempenharam papel central na mediação desses diálogos, atuando como espaços de resistência simbólica e de produção intelectual em contextos autoritários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COELHO, Haydée Ribeiro. O exílio de Darcy Ribeiro no Uruguai. *Revista Aletria*, Belo Horizonte, v. 9, p. 211-225, 2002.
- COSTA, Adriane Aparecida Vidal. Darcy Ribeiro e suas conexões latino-americanas. *Revista Intellèctus*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 86-110, jul./dez. 2024.
- COSTA, Adriane Aparecida Vidal. Darcy Ribeiro: o governo da Unidade popular e a “esquerda desvairada”. In: COSTA, Adriane Aparecida Vidal; BORGES, Elisa de Campos (org.). *Os 50 anos da Unidade Popular no Chile: um balanço historiográfico*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2020.



COSTA, Adriane Aparecida Vidal. Uma proposta teórico-metodológica para o estudo de redes intelectuais latino-americanas formadas nos exílios nas décadas de 1960 e 1970. In: COSTA, Adriane Aparecida Vidal; MAIZ, Claudio (org.). *Nas tramas da “cidade letrada”: sociabilidade dos intelectuais e as redes transnacionais*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018.

FREDRIGO, Fabiana de Souza. *Mobilizações sociais e ditadura: a influência das protestas na transição chilena (1973-1989)*. 1997. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Franca, 1997.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Escolas na vitrine: Centros Integrados de Educação Pública (1983-1987). *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 15, n. 42, p. 153-168, 2001.

MONCKEBERG, María Olivia. *El saqueo de los grupos económicos al Estado chileno*. Santiago de Chile: Ediciones B, 2001.

MOTTA, Rodrigo Pato Sá. A Ditadura nas universidades: repressão, modernização e acomodação. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 66, n. 4, p. 21-26, out./dez. 2014.

NASCIMENTO, Bárbara Bruma Rocha do. “Con ellos anduve”: conexões transnacionais culturais e resistência política a partir da revista chilena La Bicicleta. Tese(doutorado)- Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-graduação em História do Brasil, Teresina, 2025.

RIBEIRO, Darcy *apud* GARCÍA, Rosaura. Darcy Ribeiro, antropólogo y vicegobernador de Río de Janeiro. *La Bicicleta, Por un Camino Humano*, Santiago, n. 48, p. 10, maio 1984.

RIBEIRO, Darcy. Salvador Allende e a esquerda desvairada. In: RIBEIRO, Darcy. *Gentilidades*. Porto Alegre: L&PM, 1997.

ROLLEMBERG, Denise. *Exílio: entre raízes e radares*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

VASCONCELOS, Lúcio Flávio. Ditadura Militar e reformismo no Peru (1968-1975). *SÆculum - Revista De História*, João Pessoa, n. 32, p. 127-144, jan./jun. 2015.